

DEPOSITO
-C. SET. 1975

Poder Popular



Director: Fernando Ribeiro Mendes Órgão do Movimento de Esquerda Socialista Ano I Nº 5 (N.ª Série) 20 de Agosto de 1975 Preço 4\$00

Dantes nós andávamos muito preocupados
com a situação no Chile...

... agora é Portugal que nos faz sofrer



HOJE – manifestação às 18.30 Terreiro do Paço
CONTRA O CAPITAL — OFENSIVA POPULAR

Face ao doc. "Melo Antunes"
TÊXTEIS/MARVILA/RE I



pág. 4/5

Movimento Operário Português
1ª Parte — até 1926



pág. 6/7

LÍBANO/PALESTINA

ENTREVISTA COM UM MILITANTE
DA OACL — Organização
de Acção Comunista Libanesa



pág. 8/9

MEDICINA EM... LIBERDADE

**Vamos lá ver
se é hoje ... dizem
as pessoas**



— Vamos lá a ver se é hoje... — dizem as pessoas.

Mas, quase sempre, não é. Para que seja, é necessário, pelo menos, erguer às três da manhã e aí pelas quatro já ter um lugar na bicha.

Falamos dos Serviços Médico-Sociais da Caixa de Previdência de Setúbal. Levantamo-nos à cinco e já não conseguimos consulta de oftalmologia, cujas marcações são feitas só de véspera. Ou melhor: mandámo-nos para Lisboa, mas, mesmo para lá, é necessário chegar à bicha, pelo menos, às sete da manhã.

Gente do campo chegou de madrugada. Houve mesmo uma velhota que veio à boca da noite. Dormiu (deitou-se) à porta da Caixa, entre as tábuas de um caixote, pa-

ra poder fazer a marcação. Como não tem família na cidade nem transporte que a traga a horas, vem para a bicha de véspera. Servem-lhe um colchão de tábuas e um cobertor de noite. Volta e meia, um velho também vem. Mas esse não é por ele. É por outrém. Logo que tenha três marcações, aparece. Cada uma — setenta escudos. O triplo é o bastante para uma noite perdida.

A espera é cansativa. As pessoas levam assentos ou constroem-nos ali, sob a forma de bancos de tijolo.

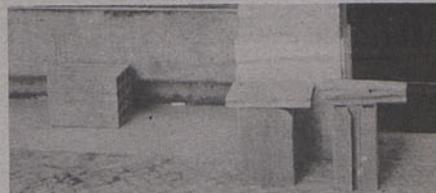
Reparem porque é que são precisos atropelos para obter a esmola de uma consulta de oftalmologia? Porque é que, para se conseguir (também) uma consulta de estomatologia, é necessária marcação com uma

antecedência de três meses (o que faz com que as pessoas tenham de prever também a sua doença)? Por exemplo.

Dizem-nos que não há médicos. Mas há, não há. Recusam-se a trabalhar para a Caixa. Preferem os lucros que obtêm nos seus consultórios e clínicas particulares. Preferem, em liberdade, explorar e desenterrar-se. Daí que o so-

que são intransigentes paladinos de um socialismo — de nome, onde podem ter assento todos os capitalistas.

Não, camaradas: também na medicina não deve haver liberdade para os exploradores (da saúde, para os quais a doença é lucro e não mal a ser tratado. Quem mais lhes paga é servido. Quem não tem posses



cialismo em liberdade seja, para muitos, doutorais patrões, um paraíso ideal, onde os exploradores podem continuar a sê-lo, ao mesmo tempo

aguarda a sua vez, numa bicha, por exemplo, em Setúbal, às quatro da madrugada. Se viver ou se morrer — é em nome da liberdade.

CARTA PARA BRAGA

Publicou V. Ex. Reverendíssima, no jornal Diário do Minho, uma crónica da sua ida ao Brasil da qual tomámos conhecimento através de dois semanários lisboetas.

Permita-nos, sr. Arcebispo, algumas considerações bre a história por si contada.

De facto, V. Ex.ª Reverendíssima começa por tentar escudar-se, invocando a verdade, a justiça e a dignidade humana. V. Ex.ª Reverendíssima esqueceu-se de que não é por se afirmar, como princípio teórico, a verdade, a justiça e a dignidade humana, que estas se tornam efectivas na prática. E a sua carta é o exemplo mais flagrante.

Fala em justiça e logo de seguida julga injustamente quem está no seu penoso e desagradável trabalho. Fala na verdade e mistura a sua imaginação com os factos, Fala de dignidade humana e tenta destruir a dignidade de quem trabalha.

O mais grave de tudo isto é que, aqui para nós o senhor Arcebispo não se revoltou com o facto de ser feita revisão pessoal aos passageiros sobre que reagem suspeitas. O que para Sua Ex.ª Rev. deve ter parecido escandaloso, foi o sr. Arcebispo ter sido tratado como qualquer cidadão. Se assim não fosse, não se teria calado, certamente, com os verdadeiros atropelos à dignidade destruição da vida humana feitos pela ex-PIDE/DGS, do conhecimento geral.

A questão fundamental é muito profunda. Talvez se possa resumir, dizendo que é uma questão de aliança.

Em todos os tempos, houve homens oprimidos e opressores, explorados e exploradores, ricos e pobres. Tudo depende de que lado se está, com quem nos aliamos, a quem defendemos.

E o sr. Arcebispo, de que lado se sente? Concretamente, *hic et nunc*, em Portugal, por quem alinhou todos estes anos. E na Revolução portuguesa?

Sinceramente, sr. Arcebispo, nós sentimo-nos do lado do capital, do lado dos opressores, contra os pobres, espezinhando os humildes, contra o socialismo.



O que para Sua Ex.ª Rev.

deve ter sido escandaloso,

foi o sr. arcebispo,

ter sido tratado...

como qualquer cidadão



**COMUNICADO DO M.E.S.
SOBRE A MANIFESTAÇÃO DE 4.ª
FEIRA,
DIA 20 de AGOSTO**

O Movimento de Esquerda Socialista
— CONSIDERANDO a situação decisiva que o Processo Revolucionário atravessa, em que as forças do capitalismo e da exploração, desde os fascistas aos sociais-democratas e aos independentes da chamada terceira via que lhes fazem o jogo, tentam desesperadamente liquidar o Poder Popular e as conquistas que as classes trabalhadoras já obtiveram

— CONSIDERANDO que a ofensiva da reacção capitalista baseada no mais descarado anticomunismo, aumentado nesta fase pelas posições tomadas pelo P.S. e pela pequena burguesia, civil e militar, que de tão radical faz o jogo da direita capitalista, que se tem traduzido nos ataques violentos aos militantes e organizações de esquerda, tem de ser travada pela acção decidida das massas populares e das forças políticas e militares que estão com os seus interesses

— CONSIDERANDO que a alternativa direitista passa pela vitória da social-democracia e da sua expressão militar — o chamado documento Melo Antunes e os oficiais que o apoiam —, o que equivaleria à substituição do actual Governo Provisório, encaabeado por Vasco Gonçalves, por um Governo que não poderia deixar de pôr em causa o processo revolucionário:

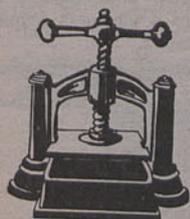
— CONSIDERANDO que é necessário que a classe operária, os trabalhadores, as massas populares, os revolucionários, dêem uma resposta inequívoca à reacção capitalista que terá de se basear na crescente mobilização popular e na crescente afirmação dos órgãos de Poder Popular.

APELA aos seus militantes, aderentes e simpatizantes que militam nas estruturas unitárias de base, nos órgãos de Poder Popular, à classe operária e aos trabalhadores da zona de Lisboa que se integrem em massa na manifestação unitária convocada para amanhã quarta-feira, dia 20, no Terreiro do Paço, às 19,30.

O Movimento de Esquerda Socialista alerta no entanto os trabalhadores para a incorrecção de algumas das palavras de ordem e para a ausência de palavras de ordem contra a social-democracia.

O Movimento de Esquerda Socialista faz este apelo convicto de que é fundamental nesta situação uma ampla mobilização de massas contra o fascismo, o capitalismo e os seus agentes internos e internacionais.

O SECRETARIADO DA ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA DO MOVIMENTO DE ESQUERDA SOCIALISTA
19/8/75



Esquerda Socialista

um material essencial de reflexão política sobre a evolução do processo revolucionário e do próprio MES

os 38 números

— 75\$00 —

Poder Popular

jornal semanal
— todas as 4.ª feiras

Propriedade
do Movimento
de Esquerda Socialista

Administração - Redacção
Av. D. Carlos I - 128, Lisboa
telefone 66 26 83

Composição e impressão
Renascença Gráfica - SARL
Rua Luz Soriano, 44 - Lisboa

ASSINATURA

Poder Popular

6 meses 100\$00

12 meses 200\$00

apoio 300 \$ 00

estrangeiro-Europa 400\$00

Nome _____

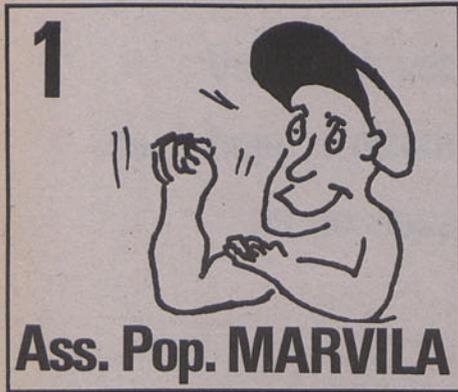
Morada _____

Localidade _____

Profissão _____

Administração: Av. D. Carlos I - 128, Lisboa (tel. 66 26 83)

ESTRUTURAS POPULARES



Ass. Pop. MARVILA

A Assembleia Popular de Marvila, órgão de Poder Popular dos trabalhadores da freguesia, organizados em comissões de trabalhadores e comissões de moradores, reunida em 13 de Agosto de 1975, face à actual crise política e militar, ao agravamento da situação económica e ao recrudescimento das acções fascistas, decide:

Repudiar energicamente o chamado «Documento dos Nove», elaborado por oficiais que perderam a confiança dos trabalhadores, e que visa entrar a revolução socialista, isolar o sector progressista e revolucionário do M. F. A., dar maior campo de acção aos partidos burgueses e formar um Governo de direita; **Considerar esse documento como um insulto aos trabalhadores** e às suas organizações unitárias de base, que designam de «anarco-populismo», pelo que demonstram estar contra o Poder Popular e contra as mais importantes vitórias dos trabalhadores no decurso da sua luta, nomeadamente as nacionalizações;

— Considerar as acções fascistas levadas a cabo no norte e centro do país como resultado da inexistência de medidas económicas de apoio ao campesinato pobre e aos pequenos agricultores e da acção contra-revolucionária e anticomunista dos partidos burgueses e falsamente socialista;

— Reafirmar a necessidade do reforço da aliança Povo/M. F. A., na defesa comum dos objectivos da Revolução Socialista;

— Considerar a via do Poder Popular, das comissões de trabalhadores e de moradores, das assembleias populares e da sua ligação com os soldados, sargentos e oficiais progressistas das Forças Armadas, como o único caminho para avançar na Revolução e derrotar os inimigos desta;

— Exigir do actual Governo a tomada de medidas económicas e sociais urgentes que façam ganhar para o campo da Revolução os trabalhadores descontentes e hesitantes.

Assembleia Popular de Marvila, 13 de Agosto de 1975



Sindicato - TEXTEIS

Reagindo violentamente às movimentações operárias e às conquistas das massas trabalhadoras, as forças interessadas na inversão do processo revolucionário têm desencadeado ultimamente acções terroristas, agredindo pessoas e destruindo bens.

Com o fim de intimidar, desorganizar e medir a capacidade de respostas das forças progressistas à violência antioperária, aquelas forças têm também tentado todos os processos divisionistas tendentes a enfraquecer os trabalhadores e as organizações operárias, criando divergências, muitas das vezes artificiais.

Têm-se, assim, ao nível fabril, observado inúmeras manobras para colocar contra os operários os trabalhadores administrativos, assim como, desenvolvendo entre os operários estruturas paralelas de poder, inspiradas pelo patronato, e que, na prática, se anulam mutuamente.

Delegados e dirigentes sindicais têm sido agredidos nos seus locais de trabalho.

Trabalhadores mais destacados têm sido despedidos, assim como famílias ameaçadas.

Assaltam-se e destroem-se sedes de organizações partidárias e sindicais.

Estimulam-se condições sociais com base em crenças religiosas, manipulando demagogicamente as consciências menos esclarecidas.

Tenta-se lançar o campesinato pobre do norte contra o proletariado urbano.

Reavivam-se os fantasmas anticomunistas desenvolvidos ao longo dos anos fascistas.

Identificam-se sistematicamente os oficiais revolucionários do MFA com mercenários a soldo de potências obscuras.

No mercado do povo, em Braga, onde muitos trabalhadores em autogestão tinham à venda o produto do seu trabalho, como por exemplo a Sogantal e a Candidinha, foram invadido o recinto e destruídas as suas mercadorias que, fruto do seu suor, eram a sua única subsistência e das suas famílias.

Não satisfeitos com o boicote económico que tem obrigado os trabalhadores a tomar a gerência das empresas, o patronato nacional estrangeiro, a social democracia e o imperialismo, resolveram assim, levar às últimas consequências o cerco



de fogo à iniciativa, a trabalho e à organização dos operários portugueses, queimando e violentando tudo o que de seu possa pôr em causa a opressão, a exploração e o fascismo.

Paralelamente a esta campanha orquestrada com mestria, e simultânea ao lançamento da anarquia e violência das últimas semanas, assiste-se a uma larguíssima aliança das forças de direita, onde toda a cambada fascista, os oportunistas e os sociais democratas aparecem com o rosto imberbe do anjo salvador da paz e liberdade.

Não nos deve portanto espantar, a exigência que o C.D.S. faz em ver o poder entregue nas mãos da social democracia.

Todos devemos estar relembrados das justificações que Salazar fazia para a sua ditadura

— Eram os malandros dos comunistas que a soldo da Rússia, da China ou de Cuba, que, nas colónias, atravessavam as fronteiras para combater o bom povo de Angola, Guiné ou Moçambique.

Foi sempre em nome da LIBERDADE e «do bom povo» que se massacraram os trabalhadores, os nacionalistas africanos e os comunistas.

Esta contradição de-

ve-nos ensinar a distinguir entre as belas palavras televisivas, entre os discursos muito bem falantes e o que na prática concreta da vida dos trabalhadores explorados é, ou seguramente virá a ser, a capa falaciosa e hábil da opressão e da fome

Agora, mais perigosa do que nunca, palavras idênticas e fins semelhantes ameaçam os trabalhadores, suas famílias e organizações.

O CHAMADO «DOCUMENTO MELO ANTUNES» É A CAPA IDEOLÓGICA COM QUE A REPRESSÃO ORGANIZADA SOBRE NÓS, HOJE SE MASCARA PARA AMANHÃ NOS DESTRUIR:

A Direcção Sindical dos Trabalhadores de Lisboa Lanifícios e Vestuário do Sul, entende ser seu dever alertar todos os trabalhadores, e em especial os seus representantes, para a escalada do patronato reaccionário, das forças organizadas que representam no nosso país o capitalismo e o imperialismo.

Camaradas, estejamos nestes dias próximos vigilantes como nunca.

Preparemo-nos para, se necessário, à violência reaccionária responder organizadamente com a violência revolucionária.



personagens da exploração capitalista



FACE AO DOC. "Melo Antunes"

3



1 — INTRODUÇÃO

Em abstracto é simples definir as soluções da crise:

- Reconstruir o sistema económico
- Tornar operacional o aparelho de Estado
- Restabelecer a autoridade e conseguir disciplina

constituir o sistema económico — Tornar operacional o aparelho de Estado — Restabelecer a autoridade e conseguir a disciplina), **têm forçosamente que subordinar-se à pergunta: PARA SERVIR QUEM?** A esta pergunta há apenas duas respostas, sendo todas as outras intermédias e conducentes



Dizendo, a acção política, respeito a pessoas e não a coisas, o problema torna-se mais complexo, mas seria ainda relativamente simples se as pessoas fossem neutras. Acontece porém que a realidade é outra:

— As pessoas movem-se e actuam em função de uma certa gama de interesses, em função de interesses de classe dos quais, por vezes, nem sequer têm consciência.

Assim, os três passos inicialmente apontados (Re-

tes, em última análise, a uma carta. De facto embora a estratificação real da sociedade não seja imediatamente redutível ao esquema simplificado proletariado-burguesia, a **História prova que essas são as classes dinâmicas**, vindo os estratos intermédios, de definição fluida, a aliar-se a uma ou a outra.

Nesta perspectiva, a questão de fundo não é — como resolver a crise política? — Mas sim — como resolver a crise política a favor das clas-

ses trabalhadoras? — pois é este o compromisso do MFA.

2.1 — VIA SOCIAL-DEMOCRATA

É aparentemente uma via pacífica harmoniosa. Basear-se-ia numa ampla aceitação externa geradora de auxílio económico, estaria de acordo com uma visão estratégica bipolar, assentaria, a nível interno, na chamada «expressão da vontade popular» e proporcionaria uma transição gradual para o socialismo. Mesmo a nível teórico, manifesta-se desde logo um certo número de contra-sensos:

a — Se as relações de força mundiais são efectivamente bipolares e Portugal se enquadra irremediavelmente no bloco ocidental capitalista e se a via social-democrata é

pressão da «vontade da maioria» e se, como é óbvio, a ideologia majoritária é, quer consciente quer inconscientemente, burguesa (como não poderia deixar de ser pelos condicionalismos históricos atravessados): À luz de que lógica uma «maioria» ideologicamente burguesa adopta soluções tendentes à implantação de uma sociedade socialista?

No campo objectivo há outros problemas a analisar, particularmente os condicionalismos internos da via social-democrata. A apreciação destes condicionamentos passa pela análise de três aspectos fundamentais:

— DIMENSÃO E COMPOSIÇÃO DA BASE DE APOIO.

— CONDIÇÕES DE RELANÇAMENTO DA ECONOMIA.

— NÍVEL E ORIENTAÇÃO DA REPRESSÃO.

DIMENSÃO E COMPOSIÇÃO DA BASE DE APOIO

À primeira vista uma via social-democrata obterá uma base de apoio cuja amplitude excede largamente a que será possível obter para uma via revolucionária, **mas cometer-se-á um erro importante se a questão da base de apoio for encarada numa perspectiva essencialmente numérica.** De facto, como a prática demonstra, todos os partidos à direita do PCP apoiarão tal tipo de solução, procurando na realidade, recuperar o processo para os interesses que defendem e que são obviamente capitalistas.

Por outro lado, é certo que, do PC para a esquerda, não haveria qualquer apoio mas antes oposição declarada a essa via, perante a qual o PC teria de tomar uma

posição idêntica sob pena de se isolar. Parece pois evidente que a via social democrata seria desde o início apoiada unicamente pelas organizações que defendem objectivamente interesses distintos dos das classes trabalhadoras. Na prática tudo leva a crer que, estando a esquerda em oposição à solução instalada, viria mais tarde ou mais cedo a ser reprimida, com maior ou menor violência, o que constituiria a suprema ironia do processo português.

CONDIÇÕES DE RELANÇAMENTO DA ECONOMIA

Se atendermos às experiências social-democratas existentes, verificamos que a diminuição de desigualdades materiais é feita através de uma política de redistribuição de rendimentos e não pela alteração das relações sociais de produção.

A via social democrata desenvolve-se portanto em regime de acumulação capitalista, em regime de divisão burguesa do trabalho e em termos de rentabilidade capitalista o que, na actual fase do processo, implica inevitavelmente a contenção salarial, o recuo das posições adquiridas pelas massas trabalhadoras, a utilização dos sindicatos como órgãos de conciliação de classes, a eliminação de toda a autonomia dos órgãos nascentes de Poder Popular, o alargamento do fosso entre os que produzem e os que detêm os meios de produção, etc.

A maior parte destas condições, e outras que se poderiam citar, não são realizáveis pacificamente: EXIGEM A RE-

PRESSÃO DAS MASSAS TRABALHADORAS.

NÍVEL E ORIENTAÇÃO DA REPRESSÃO

— Qual a orientação da repressão?

Tem sido comprovada ao longo do processo a enorme dificuldade em utilizar forças militares contra as massas trabalhadoras, mesmo quando existe razão e a dificuldade reside numa falta de perspectiva global. Se isto acontece numa conjuntura em que se manifesta publicamente uma vontade de avanço e em que as medidas tomadas apontam a via revolucionária, a percepção de recuo por parte das forças militares tornaria impossível a sua utilização. Tal impossibilidade conjugada com a necessidade prementede reprimir conduziria inevitavelmente a recrutamentos especiais em estratos cada vez mais à direita bem como a mercenarização, culminando o processo na existência de um aparelho repressivo tipo fascista, a menos que uma guerra civil eclodisse entretanto. Por outro lado o endurecimento do aparelho repressivo seria concomitante com o endurecimento à direita do poder.

A conclusão a tirar é a de que, em face das condições de desenvolvimento, atingidas pela luta de classes, e da necessidade de repressão:

— NÃO HÁ ALTERNATIVA SOCIAL-DEMOCRATA PARA O PROCESSO PORTUGUÊS.

A VIA SOCIAL DEMOCRATA É, NESTE MOMENTO, UMA VIA DE TRANSIÇÃO PARA O FASCISMO



MOVIMENTO OPERÁRIO PORTUGUÊS



Um desenvolvimento capitalista LENTO...

A formação do operariado português foi muito lenta e tardia dadas as características do desenvolvimento capitalista no nosso país.

A transformação da indústria artesanal em indústria capitalista, até aos anos do fascismo, foi um processo em que à liquidação do proprietário-produtor directo (com a sua meia dúzia de aprendizes), substituído pelo capitalista industrial, não correspondeu de imediato uma transformação técnica e radical no trabalho industrial.

E processou-se além disso numa escala reduzida, se fizermos a comparação com os outros países da Europa, muito especialmente a Inglaterra da altura.

Até 1840, eram ainda raros os estabelecimentos industriais montados com capitais privados. A maior parte da indústria portuguesa estava organizada em moldes pré-capitalistas, artesanais ou manufacturados.

Só a partir desta altura é que começa a haver uma transformação sensível no processo de

produção. Uma massa maior de capitais é investida na indústria e isso traduz-se na introdução de máquinas de vapor que assentam a divisão técnica do trabalho. A produção têxtil, algodoeira e dos lanfícios, e a fundição começam lentamente a tornar-se verdadeiras produções capitalistas.

Isto significou que a formação do operariado fabril fosse lenta. Dos trabalhadores da indústria portuguesa até aos anos 30 deste século, uma grande parte ainda trabalhava ao domicílio e em pequenas oficinas, sem máquinas e com uma divisão técnica do trabalho rudimental.

Por volta de 1913 o horário de trabalho era de 10 a 12 horas diárias. O recurso ao trabalho das mulheres dos menores raras. Em 1917 o total de operários rondava aos 130 000, em que mais de 35 por cento eram mulheres e perto de 2 por cento eram menores.

Pela mesma altura, num total de 5647 estabelecimentos industriais ha-

via 6 que empregavam mais de 1000 operários. Cerca de 3700 oficinas tinham menos de 10 trabalhadores...

Até à implantação do fascismo, a grande maioria do operariado portu-



Formação da consciência de classe do proletariado

As características do processo de produção industrial nesta fase ditaram as características da consciência social do operariado português durante todo este período.

Um operariado disperso, com muitas ligações ainda à actividade agrícola e integrado em estabelecimentos industriais onde a organização capitalista do trabalho ainda não era dominante, não podia desenvolver movimentações politicamente avançadas e as formas organizati-

vas não podiam deixar de ser de autodefesa, cooperativas.

Assim, não espanta que o movimento operário português neste período se caracterize por:

— ser essencialmente reivindicativo, processar-se sobretudo no terreno fabril

— adoptar formas de luta directas no local de trabalho geralmente sem coordenação global

— organizar sobretudo em volta de associações de tipo sindical

— ignorar praticamente a luta política e as formas de organização partidárias, embora acusando a influência da prática oportunista parlamentar da social democracia de então. E compreende-se também que a ideologia operária se formasse nesta época, fundamentalmente sobre a influência do anarquismo.

Nas primeiras formas organizativas do operariado português é muito grande, por um lado, a influência pequeno-burguesa, no tempo de Fontana e Antero de Quental e da fraternidade operária.

Nessa época se forma o Partido Socialista, sobre as directrizes da Internacional, mas que permaneceu um pequeno partido parlamentarista cuja «acção de massa» se limitava, uma vez cada ano, festejar o 1.º de Maio com muito colorido e arde.

(Os modernos socialistas de Soares, que se reivindicam da tradição do Partido Socialista de Antero, sem dúvida tomaram para si também esta tradição das festas do 1.º de Maio...)

Mas a maior influência interancional do movimento operário português não foi a de Marx. Foi a de Bakunine. A ideologia anarquista desenvolve-se mais facilmente entre uma classe operária pouco concentrada, e que procura ganhar a sua própria autonomia em relação às classes que o desenvolvimento capitalista arruina (pequena burguesia), do que a ideologia marxista (que é a expressão mais madura do movimento operário do século XIX).

O desprezo pela luta política do anarquismo vem de uma situação histórica em que a classe operária não põe a si própria o problema do poder político. Logo não precisa de aliados. Basta unir-se para se defender — e a organização não passa ao nível sindical. Esta ideologia impregna de tal modo os operários de vanguarda, nesta altura, que, já depois de 1926, dizia um sindicalista

«... impõe-se a realização e o funcionamento dos quadros sindicais, cujas células iniciais devem encontrar-se nos próprios locais de trabalho, onde toda a vida económica se gera é ali onde reside o segredo de toda a força do proletariado — contra aos efei-

tos da racionalização e, se se quiser, contra todas as ditaduras activistas ou «democraticamente passivas» (Manuel Joaquim de Sousa).»

A classe operária descobria-se a si própria mas não atinava com o caminho da sua própria emancipação. Do patrão individual a classe operária percebia o seu carácter universal: a exploração capitalista é feita por uma classe sobre outra. Mas não punha a si mesma o problema de saber como destruir essa exploração que a vitimava. Apenas sabia defender-se.

Essas bases assentam num princípio, ainda pouco claro, do controlo operário da economia. Mas tais intenções não passaram do papel e, sobretudo ignoravam o principal: A burguesia não abdica, e a crise da sua dominância jamais terá uma resolução favorável aos trabalhadores, se estes não destruírem o instrumento principal dessa dominação: O ESTADO BURGUEZ.

7.º — Colaborar em todos os movimentos de solidariedade a favor de qualquer classe ou nos movimentos gerais da classe operária;

8.º — Manter vivo o espírito revolucionário, qualquer que seja a sua proficiência profissional, para que se integrem no seu

A GRÉVE

(Diário operário da manhã)

A SAHIR EM 18 DE MARÇO

1ª PARTE — ATE 1926



Comemorações do 1º de Maio

Destruição da tradição operária

A repressão fascista pode, ao longo dos anos 20 e 30, pela destruição de toda a organização sindical, pela prisão e morte dos quadros sindicais, liquidar o próprio movimento operário português. Sem organização partidária de classe não fica a memória colectiva das suas lutas, e todo o trabalho político e organizativo tem de recomeçar a partir do zero.

A própria organização anarco-sindicalista parece ter pressentido isto. Em vinte e tal, chega a elaborar umas bases estatutárias de uma liga operária de expropriação económica «destinada a tornar maleável a acção dos quadros sin-

Fim da 1.ª Parte

A seguir: «O Movimento Operário Durante o Fascismo».

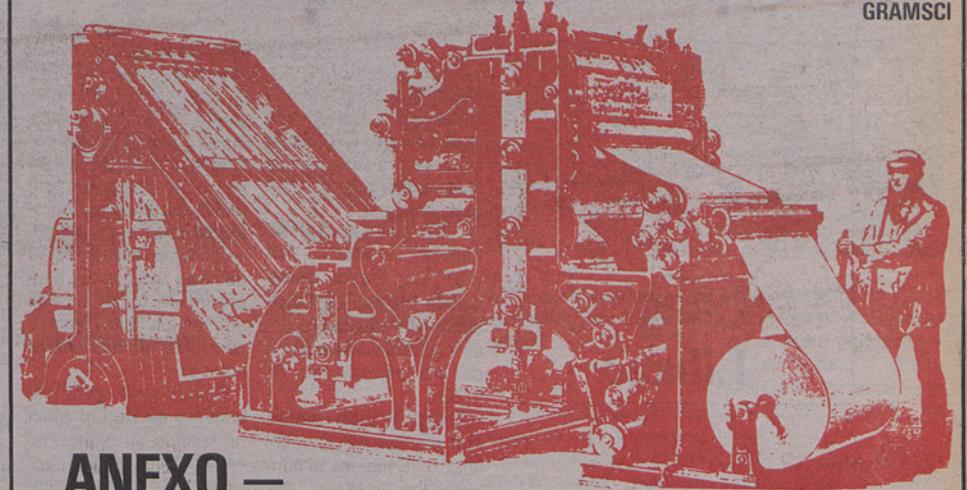
«O operário realiza na fábrica uma tarefa meramente mecânica, rotineira.

Não segue o processo geral do trabalho e da produção; não é um ponto que se move para criar uma linha; é um alfinete espetado num lugar determinado e formando parte da linha que se vai criando pela sucessão de alfinetes que numa vontade alheia à sua foi espetado para os seus próprios fins.

O operário tende a levar este seu modo de ser a todos os ambientes da sua vida; acomoda-se facilmente, em todos os lados, ao ofício de executor material, de «massa» guiada por uma vontade que lhe é alheia...»

...Só o Partido Revolucionário, a vanguarda de classe unificada é «o instrumento e forma histórica do processo de íntima libertação através do qual o operário passa de executor a criador, de massa, a chefe, a guia, de braço, a cérebro e vontade.»

GRAMSCI



ANEXO —

a) O estudo e conhecimento das condições de cada indústria e seu desenvolvimento técnico, para o que deverá:

- 1.º — Procurar conhecer a procedência das respectivas matérias-primas;
- 2.º — Qual a indústria ou indústrias a que se destinam os produtos;
- 3.º — Procurar conhecer o valor monetário dos produtos depois de fabricados, o custo dos transportes e quais os seus preços quando postos no mercado;
- 4.º — Elaborar estatísticas da produção (parcelares) de cada indústria nacional;
- 5.º — Inventariar os stocks dos produtos armazenados nos mercados nacionais e indicar a sua procedência exacta.

b) Exercer, desde já, com perseverança e método, pressão eficaz e sistemática junto do patronato, dentro de cada lugar de trabalho, procurando melhorar as suas condições, por uma fiscalização apertada e directa que incida, especialmente:

- 1.º — Sobre a situação moral dos operários e das condições higiénicas das fábricas e oficinas;
- 2.º — Sobre a admissão ou demissão dos operários nas fábricas, etc.;
- 3.º — Sobre a propaganda que é necessário desenvolver nos operários não sindicalizados para que se associem;
- 4.º — Sobre a elevação dos preços dos produtos e quais as suas determinantes, próximas ou remotas e bem assim.

5.º — Informar os sindicatos, permanentemente, de todos os casos em que seja menos cabida a dignidade proletária pelos gerentes ou patrões de qualquer fábrica;

- 6.º — Informar os sindicatos das tentativas de redução ou supressão de regalias, procurando desde logo evitar esses actos; e ainda:
- 7.º — Colaborar em todos os movimentos de solidariedade a favor de qualquer classe ou nos movimentos gerais da classe operária;
- 8.º — Manter vivo o espírito revolucionário, qualquer que seja a sua proficiência profissional, para que se integrem no seu

papel expropriador sob o ponto de vista colectivo, tendo-se em atenção que só deste modo se alcançará o elevado grau de consciência revolucionária que lhes permite gerir no futuro a produção;

9.º — Manter relações íntimas com a organização sindical para o efeito da distribuição dos produtos destinados ao consumo.

FINS E FUNCIONAMENTO DA L.O.E.E.

As funções da L. O. E. E., tendo sempre em vista o objectivo expropriador, estão sempre sujeitas a progressivas adaptações revolucionárias indicadas pela experiência. No período transitório, são suas atribuições:

a) Os Conselhos de Fábrica, etc., exercerão simultaneamente a acção e a resistência, e prestarão aos Conselhos de Indústria todas as informações técnicas e industriais;

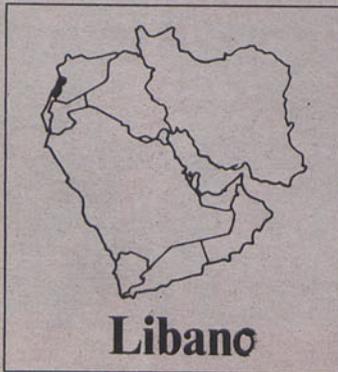
b) Os Conselhos de Indústria coordenarão a acção genérica em todas as fábricas, etc., coleccionarão metódicamente todos os elementos de informação colhidos pelos Conselhos de Fábricas relativos à procedência das matérias-primas, mercados dos produtos, valores de umas e de outros e elaboração das estatísticas de produção;

c) O Conselho Central Nacional tem a seu cargo as relações íntimas entre os Conselhos de Indústria de cada conselho, distrito ou zona (região do País). Dadas as condições psicológicas das massas operárias, a ele incumbe estimular as iniciativas, enquanto espontaneamente e como resultado do alargamento da consciência operária estas não surjam dos Conselhos de Fábrica ou de Indústria — o que será sempre preferível.

O C. C. N. manterá estreitas relações com a C.G.T., acompanhando-a e amparando de modo que as funções desta, assim como dos organismos que a compõem, se integrem na missão reguladora que mais publicamente pode ser tratada.

LÍBANO/PALESTINA

entrevista
com um camarada
da OACL — Organização
de Acção Comunista
Libanesa



1 — A nossa organização — **Organização de Acção Comunista Libanesa — O.A.C.L.** — é o resultado da fusão de dois grupos: **Libano Socialista** e a ala esquerda do **Movimento Nacionalista Árabe — M.N.A.**

Nós trabalhamos, em estreita unidade com 3 organizações irmãs:

— No Yeme — com a **ala esquerda da secção do Yeman do M.N.A.**, que aliás, se encontra no poder.

— No Oman — com a **F.L.O.G.A. — Frente de Libertação do Oman e do Golfo Árabe** que neste momento desenvolve uma importante acção guerrilheira.

— Junto do povo palestino — com a **F.D.P.I.P. — Frente Democrática Popular de Libertação da Palestina**, cisão da esquerda, marxista, e da ala palestina do M.N.A.

Estas 4 organizações têm em comum, por um lado, o afirmarem-se marxistas-leninistas, e, por outro, o de não terem como origem a interferência dos tradicionais P.C.s pró-soviéticos.



Sobre o plano de acção de massas no Líbano, hoje a nossa posição evoluiu bastante, visto que durante um longo período de dois ou três anos um desvio maoísta, tipo espontaneísta, tinha uma forte influência na direcção (sem ser dominante), mas que acabou por ser afastada dos sindicatos, já que no Líbano a batalha sindical é fundamental — a C.G.S. é dominada pela direita. Donde para nós a importância de uma batalha

sindical. Paralelamente quando nós pudemos aí intervir criámos **comités de base**, que, por exemplo, na guerra civil facilmente se transformaram em **milícias armadas**. São assim, simultaneamente, comités proletários nas fábricas, e comités de defesa antifascista.

No plano teórico nós proclamamo-nos do marxismo-leninismo.

No plano internacional nós aplicamos aquilo que chamamos «linha Ho Chi Minh», isto é, **nós recusamos as grandes querelas do conflito sino-soviético**; nós pensamos que nem seria útil, nem temos os meios de aprofundar, na hora actual, as análises existentes, já que isso seria pura e simplesmente tomar partido por um ou outro livro e não uma prática social concreta.

Somos assim pelo testamento de Ho Chi Minh no sentido do reforço do campo socialista, posição aliás comum a outras organizações revolucionárias como o M.I.R., Tupamaros, E.R.P. **Isto não significa que nós não tenhamos críticas a fazer**, como por exemplo à política internacional da China que é para nós uma política inaceitável, particularmente nas consequências que ela traz para a nossa região — apoio ao xá do Irão. Assim como temos críticas evidentes à política internacional da U.R.S.S.

2 estratégia de luta

— Para falar da nossa estratégia de luta no Líbano torna-se necessário **fazermos uma análise de classe da sua história**.

O Líbano do ponto de vista económico pode-se caracterizar com uma economia de serviços — é o centro de numerosas sociedades internacionais com um regime de total liberalismo económico, onde não há pra-

ticamente nenhuns impostos directos, quaisquer medidas de dirigismo ou controlo.

É um país onde a burguesia comercial tem o controlo económico, mas deixa o controlo político à hierarquia feudal, de origem latifundiária, por um lado, e cacique e de clientela política, por outro.

Quanto à burguesia nacional, dizemos que não existe como classe.

O P.C. «procura-a» por todo o lado, mas nós afirmamos que não se pode encontrar o que não existe.

Existe, sim, uma franja completamente insignificante e que é totalmente dependente da burguesia compradora.

A questão religiosa é também um dado fundamental para compreender a realidade política do Líbano.

No Líbano há aquilo que chamamos o «Pacto Religioso» entre a Comunidade cristã e a comunidade muçulmana, que desde 1943 dá à Presidência da República a um cristão, e a presidência do Governo a um muçulmano, dando assim oportunidade à burguesia de controlar o país, justificando-se a burguesia cristã com a burguesia muçulmana e vice-versa.

É assim que a **nossa estratégia de poder** é

adaptada à situação libanesa, a um país subdesenvolvido onde as tarefas anti-imperialistas estão ainda no 1.º plano.

Nós defendemos, assim, a **Revolução Democrática Nacional**, que é diferente daquilo que os partidos comunistas defendem, onde não separamos necessariamente as tarefas estritamente democráticas das tarefas anticapitalistas.

No nosso programa, a questão fundamental é a questão da reforma agrária, a destruição do aparelho de Estado e o controlo popular sobre os representantes da Ass. Popular.

Nós recusamos a via parlamentar para o socialismo e defendemos a luta armada como um meio fundamental de luta, enquanto o P.C. tem posições bastante ambíguas face ao parlamentarismo, e pensa a luta armada exclusivamente em termos defensivos.

Para nós o **bloco social revolucionário** é constituído pelos operários, camponeses, intelectuais e importantes fracções da pequena burguesia; o P.C. integra «a burguesia nacional» e as chamadas classes médias, tentando encontrar contradições internas à burguesia, quando no Líbano ela se apresenta totalmente homogénea.





a evolução da luta de classes

3 — Em 1958 a burguesia muçulmana faz chantagem sobre a burguesia cristã para obter maior controlo político, ameaçando fazer unidade com os países árabes da chamada «Vaga Nasseriana» de 58.

Esta chantagem consegue ganhar um apoio de massa, acabando a burguesia muçulmana por ganhar uma parte mais real do poder.

De 58 a 67/68 o Líbano conhece um enorme crescimento das lutas de trabalhadores e estudantis.

Neste período a corrente marxista era apenas representada pelo P.C. e pela pequena força que era o Líbano Socialista.

Depois de 67 as coisas mudam...

Com a derrota árabe, a «Causa Palestiniana» torna-se um grande motor e catalizador de todos os progressistas.

Em 68 a luta do povo palestino destaca-se do controlo da burguesia árabe e, com a vitória da batalha de Karami, os palestinos, militar e psicologicamente, dão grandes passos em frente na sua emancipação.

Em todo este período a O.A.C.L., assim como

a sua organização irmã, F.D.P.L.P. conhecem um enorme crescimento e implantação nas massas populares.

Neste período a posição do P.C. era de um grande seguidismo face à União Soviética, defendendo apenas a retirada de Israel dos territórios ocupados, o que provocou o seu afastamento

73/75 conhecem uma nova fase da luta revolucionária.

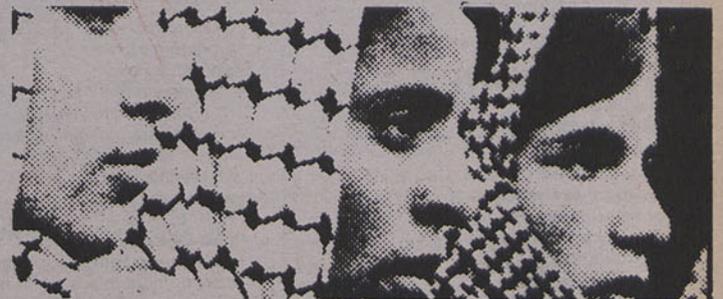
Em 75 e depois da morte de um deputado do P.S. durante uma manifestação de apoio à greve dos pescadores, entra-se num período de greve geral.

O exército tenta controlar os acontecimentos, mas é incapaz de o

ter ocupado.

Entretanto o Governo cai, e neste período, vazio de poder, a direita falangista provoca um golpe de Estado do exército.

Só que não contava com a força de mobilização de toda a esquerda e mesmo com as contradições, de carácter religioso, internas ao blo-



de muitas camadas intelectuais estudantis e trabalhadoras, que tomavam como sua a posição do povo palestino.

A saída da ala burocrática e mais reformista do P.C., e o seu apoio às posições da O.L.P. por um lado, e por outro, a necessidade de derrotar a direita nos sindicatos e na universidade, possibilitou um trabalho de unidade entre a nossa organização e o P.C.

É assim que os anos

fazer, assim como já tinha sido incapaz de destruir a Resistência Palestiniana no Líbano. Tentando uma manobra intimidatória, a direita falangista assassina 27 palestinos, que viajavam desarmados numa camioneta. Os palestinos apoiados pela esquerda e a falange apoiada pelo próprio exército entram em conflito armado que dura perto de 1 mês, tendo a direita sido obrigada a sair da zona que

co dominante.

Este 2.º Governo acaba também por cair,

Os falangistas com o apoio do Exército voltam a atacar as zonas dominadas pela esquerda, mas são novamente derrotadas.

Foi constituído então um governo, a que podemos chamar de burguês moderado;

A situação actual caracteriza-se por um perigo eminente de guerra civil, onde a esquerda libanesa, em estreita aliança com os palestinos, poderá vir a alcançar importantes vitórias...



a resistênciã popular vencerá



O MES, empenhado com todas as suas energias na luta contra o fascismo, o capitalismo e o imperialismo, saúda o MIR - Movimento de Esquerda Revolucionária, cujos militantes lutam heroicamente no Chile contra os mesmos inimigos. As relações entre as nossas organizações, cimentadas nesta luta comum, mostram-se cada vez mais fraternais, unidas na mesma perspectiva de que a vitória sobre os opressores e os explorados só poderá ser alcançada através do avanço e da consolidação do poder popular.

Tal como no Chile, o Imperialismo tenta estrangular o processo libertador do nosso povo, dando aqui um papel privilegiado a organizações que se dizem socialistas, assim enganando uma parte das massas trabalhadoras, que são manejadas contra a defesa dos seus interesses de classe, que são os seus.

Pressões do exterior, mobilização das forças reaccionárias da Igreja e da burguesia, movimentos separatistas nos Açores e na Madeira, tentativas

de destruição do MPLA e da FRETILIN - aliados objectivos dos trabalhadores portugueses - completam o cerco lançado pelas forças do capital.

É perante este cerco que o MES tem apelado para a união de todas as forças revolucionárias, não numa frente antifascista de carácter defensivo, mas em volta de um programa concreto de defesa dos interesses dos trabalhadores e de ataque aos privilégios da burguesia, que faça avançar o processo através da construção do poder popular.

Não há luta antifascista e uma luta anticapitalista e uma outra anti-imperialista: há uma mesma luta contra um inimigo, tanto no Chile como em Portugal, como no seio dos povos explorados e oprimidos que lutam pela sua libertação.

VIVA O M. I. R.
VIVA A LUTA DO POVO CHILENO
VIVAM AS LUTAS DAS CLASSES E DOS POVOS
EXPLORADOS E OPRIMIDOS
LUTAR, CRIAR PODER POPULAR

sabes? o chile é enorme. passa por aqui e vai a todo o longe onde liberdade se escreva com balas e granadas e com espingardas nas mãos dos povos que avançam a exigir na história uma página encarnada de solidariedade militante. sabes? passa por aqui o teu chile do tamanho da dor e levanta-se armado do frio das minas do silêncio violento dos campos do fogo das fábricas.

passa por aqui um chile que toca todas as pátrias violadas. todas as pátrias de muralhas e de generais a fuzilar.

sabes? aos assassinos do povo de qualquer chile todas as velhas mortes nos são leves. armaremos as crianças que nasceram sem tempo de carícia (elas farão a morte doer mais.)

companheiro aqui escrevo teu nome de espada em riste contra a opressão e contra a fome em letras de pólvora e de cimento de carvão e cordão lento.

e escrevo-te vivo e forte tão vivo como quem resiste ...como um sol guerrilheiro a lançar balas de luz à noite de um povo inteiro. ...como estrela fogo-brilho do ferro incandescente que aponta um novo norte no trilho do movimento. ...como vela — e há vento — do barco que nos conduz de arma em punho rumo à frente.

...sim companheiro de uma oceânia lá ao longe de uma ásia tão em fogo e tão tamanha de uma áfrica tão queimada e tão ardente de uma europa tão à frente e tão tacanha de uma américa atômica e decadente se é do norte e tão fome e tão crescente e tão forte se é latina ...sim companheiro do chile da palestina do mundo inteiro ! o miguel está vivo ...no sangue é bandeira dos oprimidos

e é fogo ...no corpo é trincheira dos nunca vencidos. e é ferro ... na luta é farol dos que andam perdidos e é forno e é forno activo de ferros-fusão das armas precisas à revolução

... é um companheiro vivo que tem força feita braços e mãos carne-ossos-aços. e é fogo fúria e dinamite. e dinamita silêncios muralhas sepulcros e mortalhas e grita. e tem voz forte que cala o medo e mata a morte.

!... — e tu ó esquecido de que és povo explorado e oprimido ouviste? ...! ai não? ! ...

!pois eu repito proclamo e grito e grito de novo compalavras-balas !!! o miguel está vivo! ... sim agora ouviste. vamos recém-nascido é a revolução! vem e resiste vê se estalas a carcaça que te cobre ... ser guerrilheiro é ser nobre é ser homem muito maior que ninguém porque é ser povo inteiro é ser amigo e companheiro amante amado e armado é ser caminho-caminheiro e ser povo organizado amante amado e armado... —

... sim miguel companheiro aqui escrevo teu nome com letras de ferro e fel com palavras de fogo e fome e escrevo granada ... e em sobrenome o grito primeiro da alvorada. ... e escrevo um povo um povo inteiro ... e escrevo um grito que eu repito que grito de novo: ! — miguel estás vivo?

estás vivo ouviste?... ... porque aqui e aí companheiro vive quem resiste vive quem luta em tempo inteiro vive quem mata os filhos da puta que matam o povo

...vive quem luta em tempo inteiro a ser dividido para ser coerência entre «fuzil e consciência» com esta primeiro.

vamos companheiro já tocam os sinos da consciência em toque a rebatê e chamam o povo a tempo inteiro para o combate já chamam de novo um povo inteiro à violência ao tiro certo

a matar a matar! os mil assassinos a junta militar. é só apontar e disparar a matar a matar!!!

... — sim o miguel está vivo e tu assassino tão vil e pequeno nunca o esquecerás e tu companheiro sabe-lo-ás sempre que te levantes armado pela libertação e todos nós sabermos porque aqui como aí só vive quem resiste. porque aqui como aí os revolucionários não morrem multiplicam-se no sangue. porque aqui como aí solidariedade significa «até à vitória final» a mesma luta o mesmo sangue uma só cor em todas as bandeiras um só povo em todas as trincheiras. porque aqui como aí solidariedade ao ser verdade é punhal e é granada são cinco continentes de dor armada. ...e o mesmo movimento a mesma esquerda uma só revolução.

na festa do MIR

SOBRE O PARTIDO

— A classe operária possui um elemento de triunfo: o número. Porém, o número não pesa na balança, se não estiver unido pela associação e guiado pelo saber,

«Nos nossos dias todo o proletariado em luta pela sua emancipação faz seus estes conceitos de Marx e Engels. Mas quando os dois amigos colaboravam, na década de 40, nas publicações socialistas e participavam nos movimentos sociais do seu tempo, estes pontos de vista eram completamente novos. Nesse tempo havia muitos homens com talento e outros sem ele, muitos homens honestos e outros desonestos, que com o ardor da luta pela liberdade política, na luta contra a autocracia dos czares,

expressar-se, em poucas palavras, os serviços prestados por Marx e Engels à classe operária, dizendo que a ensinaram a conhecer-se e a tomar consciência de si própria, e substituíram as utopias pela ciência.»

«O grande mérito histórico de Marx e Engels é terem demonstrado através da análise científica a inevitabilidade da queda do capitalismo e a sua passagem ao comunismo, no qual já não existirá a exploração do homem pelo homem.»

o passado e se propõem construir audazmente um caminho próprio para um futuro novo; só por essa classe cujos melhores filhos sentem ódio e desprezo por todo o pequeno burguês e filisteu, pelas qualidades que tanto abundam entre a pequena burguesia, os empregados de segunda ordem e a «intelectualidade»; só por essa classe que «passou pela endurecedora escola do trabalho» e que, pela sua eficácia, inspira respeito a todos os trabalhadores, a todos os homens honestos.»

«(...) O proletariado deve aspirar a fundar partidos políticos proletários independentes cujo objectivo fundamental seja a conquista do poder político pelo proletariado, a fim de organizar a sociedade socialista. O proletariado não deve, nem por um momento sequer, considerar as outras classes e os outros partidos como «apenas uma massa reaccionária»: pelo contrário, deve participar em toda



— A classe operária não pode actuar como classe contra o poder partilhado pelas classes possuidoras a não ser organizando-se e formando um partido político próprio frente a todos os velhos partidos formados pelas classes possuidores.

da polícia e do clero, não percebiam o antagonismo existente entre os interesses da burguesia e os da classe operária. Esses homens não admitiam sequer a ideia de que os operários actuassem como uma força social independente. Por outro lado, houve muitos sonhadores, por vezes geniais, que acreditavam que bastava convencer os governantes e as classes dominantes da injustiça do regime social existente para que resultasse fácil implantar no mundo a paz e o bem-estar geral. Sonhavam com um socialismo sem luta. Finalmente quase todos os socialistas daquela época e, de um modo geral, os amigos da classe operária, apenas viam uma imperfeição no proletariado e viam com horror como esta imperfeição crescia à medida que a indústria ia crescendo. Por isso todos eles pensavam na forma como deter o desenvolvimento da indústria e do proletariado, como deter «a roda da história».

Contrariamente ao medo geral perante o desenvolvimento do proletariado, Marx e Engels resumiam todas as suas esperanças no seu contínuo crescimento. Quantos mais proletários houver, tanto maior será a sua força como classe revolucionária e tanto mais próximo e possível será o socialismo. Poderiam

«O grandemérito histórico de Marx e Engels é terem demonstrado aos proletários de todos os países qual o seu papel, a sua tarefa, a sua missão, quer dizer, serem os primeiros a lançar-se na luta revolucionária contra o capital e unir nesta luta, à sua volta, todos os trabalhadores e explorados.»

«...As classes operárias só podem ser abolidas pela ditadura dessa classe oprimida que foi educada, unida, ensinada e temperada por décadas de lutas políticas e grevistas contra o capital; só por essa classe que assimilou toda a cultura urbana, industrial e do grande capitalismo e que conta com a decisão e capacidade necessárias para a defender e preservar, desenvolver todas as suas conquistas e torná-las acessíveis a todo o povo, a todos os trabalhadores; só por essa classe capaz de enfrentar todos os golpes, todas as provas, todas as contrariedades e os grandes sacrifícios que a história impõe inevitavelmente àqueles que rompem com

a vida política e social, apoiar as classes e partidos progressistas contra os reaccionários, apoiar todo o movimento revolucionário contra o regime existente; deve ser o defensor de toda a raça ou povo oprimido, de toda a religião perseguida, do sexo privado de direitos, etc.»

«(...) Sem um partido de ferro, experimentado na luta, um partido que goze da confiança de todas as pessoas honestas da classe de que se fala, um partido capaz de observar o estado de espírito das massas e influir nele, essa luta não poderá efectuar-se com êxito.»

«...Só o partido comunista, se é realmente a vanguarda da classe revolucionária; se inclui os melhores representantes da dita classe; se se compõe de comunistas conscientes e fiéis que tenham sido educados e preparados pela experiência de uma luta revolucionária tenaz; se este partido logrou ligar-se indissolúvelmente a toda a vida da sua classe e, por meio dela, a todas as massas de explorados, e ganhar completamente a confiança de classe destas massas; só tal partido é capaz de dirigir o proletariado na luta mais implacável, decisiva e final contra todas as forças do capitalismo.»

«... Esta organização da classe operária para formar o partido político é indispensável para assegurar a vitória da revolução socialista e alcançar a sua meta final: a supressão das classes...»

nenhuma revolução se compadece com posições ambíguas

Para que as Forças Armadas sejam efectivamente revolucionárias, participem e sejam uma **força fundamental** no processo revolucionário na via do Socialismo, é necessário que estas constituam um **corpo coeso e disciplinado**, que passa pela destruição da sua estrutura colonial fascista, na transformação destas numas Forças Armadas capazes de levar à prática as tarefas político-militares da Revolução Socialista.

Se ao longo do processo revolucionário se conseguiram algumas conquistas importantes, em certas unidades militares, na destruição de alguns aspectos da sua estrutura colonial fascista, militarismo, diferenças e privilégios das classes militares **a sua estrutura ficou intacta**, tornando-se assim débeis e facilmente recuperáveis as conquistas alcançadas, caso não haja ao nível global uma definição do poder político-militar e de uma linha políti-

ca clara que defina as suas tarefas político-militares.

Assim, o que define principalmente um Exército Popular, não é a sua democratização interna ou um maior ou menor número de revolucionários nos postos de comando. Tudo isto são **aspectos importantes** mas não é a **questão principal**. A questão principal (objectivos deste exército) é as suas tarefas político-militares. Com efeito **o que a contra-revolução pretende** neste momento decisivo é impedir a transformação do próprio exército num instrumento de libertação do nosso povo e reconverte-lo num exército traidor. Para isso eles sabem que terão de impedir a ligação das Unidades Militares às organizações do Poder Popular (Comissões de Moradores e de Trabalhadores). Terão que impedir que se leve à prática o Documento-Guia da ligação Povo-MFA porque isso é quebrar a espinha dorsal do exército burguês. Terão que impedir a participação dos militares na resolução dos proble-

mas concretos das populações. Porque eles sabem, e nós sabemos que **um exército ligado ao povo**, partilhando dia a dia na resolução dos seus problemas concretos, **nunca poderá ser um exército traidor, um exército cujos soldados virem as armas contra os seus irmãos de classe**

A hora é decisiva. Os objectivos do nosso exército terão que ser claros. Participar activamente na transformação da sociedade, Para isso o exército terá que ser a **força fundamental** na tarefa de mobilização e organização das massas populares — **força principal** da revolução e no reforço do Poder Popular, única via para atingir o Socialismo.

Nenhuma revolução se compadece com posições ambíguas. Em nenhuma revolução o exército pode ter no seu seio oficiais reaccionários ou hesitantes nos postos de comando. **Os revolucionários definem-se pela sua prática**, na luta pelos objectivos da revolução e não em verbalismos de esquerda com práticas de direita. Nenhuma revolução se fez sem convulsões, sem iniciativa das próprias massas. Em nenhuma revolução — devemos lembrá-lo a alguns que parecem tê-lo esquecido — a correlação de forças se mede contando o número de assinaturas de oficiais apostas em certa papelada...

As revoluções fazem-se no terreno da luta, definindo o inimigo, mobilizando todas as forças para o atacar e o destruir.

E como é que isto se faz, camaradas?

Será saneando oficiais revolucionários, pondo no seu lugar oficiais hesitantes e reaccionários ou mesmo fascistas? Não, camaradas. O lugar destes oficiais é no Campo Pequeno e não nos postos de comando!

Camaradas:

Chegámos ao momento decisivo. Chegámos ao momento em que grandes responsabilidades caem sobre todos os revolucionários e organizações revolucionárias. **Ou temos capacidade para esmagar a contra-revolução e avançarmos decididamente na revolução, na via do Poder Popular para o Socialismo, ou seremos esmagados e sobre o Povo Português recairá nova ditadura fascista. O que está em causa é o Poder Popular, é o Poder do Povo, é o Poder dos Trabalhadores. O que está em causa é a construção do Exército Popular, força fundamental da Revolução Socialista, ou a reconstituição de um exército burguês, força fundamental da contra-revolução, instrumento assassino do imperialismo e do capitalismo no esmagamento da libertação do nosso povo. O que está em causa é ou fascismo ou Socialismo.**

REFORCEMOS A ORGANIZAÇÃO DOS SOLDADOS, MARINHEIROS, SARGENTOS E OFICIAIS REVOLUCIONÁRIOS!

CONSTRUAMOS O EXÉRCITO POPULAR!
EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA!
MORTE AOS TRAIDORES!



os revolucionários definem-se pela prática